

*ALLEN, Scott J., ESPINOLA, Carolina Sá. Título: Pesquisas Arqueológicas no Engenho do Meio: Geofísica, Escavação e Análise Descritiva de Artefatos, 2024, V39 N2, p. 59-78. <https://doi.org/10.51359/2448-2331.2024.267472>*

---

**PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO ENGENHO DO MEIO  
GEOFÍSICA, ESCAVAÇÃO E ANÁLISE DESCRITIVA DE ARTEFATOS**

**ARCHAEOLOGICAL RESEARCH AT THE ENGENHO DO MEIO  
GEOPHYSICS, EXCAVATION AND DESCRIPTIVE ARTIFACT ANALYSIS**

**Scott J. Allen<sup>1</sup>**

*<https://orcid.org/0000-0002-1382-2746> / [scott.allen@ufpe.br](mailto:scott.allen@ufpe.br)*

**Carolina Sá Espinola<sup>1</sup>**

*<https://orcid.org/0009-0008-7307-2650> / [carolina.espinola@ufpe.br](mailto:carolina.espinola@ufpe.br)*

---

<sup>1</sup> Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

## **RESUMO**

O sítio arqueológico Engenho do Meio está inserido, desde 2018, nas atividades didáticas do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, fornecendo uma oportunidade para discentes participarem em pesquisas na Arqueologia Histórica, enquanto aprendem métodos e técnicas de escavação. Concentrada na área da casa grande, demolida e soterrada nos anos 1940, os estudos incluem prospecções geofísicas, escavações por diversas técnicas, fotografia e desenho de contextos estratigráficos, identificação e processamento inicial de materiais arqueológicos. Este relatório apresenta os métodos empregados nos estudos de campo e resume alguns dos resultados das atividades realizadas até a campanha de 2023.

**Palavras-Chave:** Métodos e Técnicas Arqueológicas, Arqueologia Histórica, Sítio Arqueológico – Engenho do Meio

## **ABSTRACT**

The Engenho do Meio archaeological site has been a field school since 2018, providing an opportunity for undergraduate and graduate students of the Department of Archaeology of the Federal University of Pernambuco (DARQ/UFPE) to participate in historical archaeological research while learning excavation methods and techniques. Focusing around the area of the plantation owners' house, demolished with the ruins backfilled in the 1940s, the studies include geophysical survey, excavation, photography and drawing of stratigraphic contexts, identification and initial processing of archaeological materials. This report presents the methods employed and summarizes some of the results of the activities carried out until the 2023 campaign.

**Keywords:** Archaeological Methods and Techniques, Historical Archaeology, Engenho do Meio Archaeological Site

## APRESENTAÇÃO

As informações históricas do Engenho do Meio se resumem principalmente ao seu papel na implantação de engenhos na Várzea do Capibaribe nos anos primordiais na expansão da economia açucareira na região. O engenho foi fundado por Álvaro Velho Barreto no final do século 16 e nos séculos subsequentes passou por diversos proprietários e proprietárias, o mais ilustre para a história pernambucana sendo o João Viera Fernandes.<sup>2</sup> Fontes iconográficas da primeira metade do século 20 indicam a existência da Casa Grande do Engenho do Meio, além de outras estruturas que compunham esse complexo no local, o que se confirmou através de depoimentos orais de antigos funcionários e moradores locais. Com a implantação da UFPE na década de 1940, a casa grande foi demolida e soterrada, posteriormente recebendo uma estátua em homenagem a João Viera Fernandes (Figura 1) (FERREIRA, 2012).



**Figura 1:** A casa grande do Engenho do Meio<sup>3</sup> e a estátua erguida em homenagem a João Viera Fernandes no local posteriormente.

Fonte: Acervo Imagético do LARGH

O sítio, cadastrado no CNSA sob o código PE00082, foi alvo de estudos nos anos 90, revelando estruturas arquitetônicas que pertenciam à casa grande (Figura 2). As escavações focaram na frente da estrutura, porém os estudos não tiveram continuidade. A partir do começo do projeto atual em 2018, as escavações se concentram no Setor A, designação para a casa grande e seus arredores imediatos.

<sup>2</sup> Como o foco deste texto é um relatório técnico, não serão aprofundadas informações sobre o contexto histórico do engenho, pois este tema está sendo trabalhado em um artigo com integrantes do Laboratório de Arqueologia Histórica (LARQH/DEPARQ/UFPE).

<sup>3</sup> Essa imagem da casa grande é de ampla divulgação em sites na internet, porém sem atribuição ao autor original.



**Figura 2:** Estruturas evidenciadas nos anos 1990.  
Fonte: Acervo Imagético, LARQH

Os métodos e as técnicas de investigar sítios arqueológicos, históricos ou não, variam bastante, devido a uma multiplicidade de motivos, desde tradições e práticas regionais, a inserção ambiental de sítios, recursos disponíveis, experiências dos pesquisadores, questões de interesse e uma plethora de outros. Procuramos neste relatório, mesmo de forma resumida, fundamentar os métodos empregados nas pesquisas do Engenho do Meio, ressaltando que não há apenas uma forma de conduzir escavações. Apesar do projeto atual<sup>4</sup> reunir diversas atividades de pesquisa, ensino e extensão, o foco deste texto está na metodologia de campo, desde o estabelecimento da malha georreferenciada, prospecção geofísica por GPR, escavações arqueológicas e análise descritiva de artefatos. Espera-se que, além da divulgação das atividades realizadas no sítio, o relatório a seguir sirva como uma leitura introdutória para os e as discentes das disciplinas de campo.

#### **ATIVIDADES PRÉ-ESCAVAÇÃO: ESTABELECIMENTO DA MALHA E GEOFÍSICA**

Como em qualquer metodologia de campo, a malha, sistema de coordenadas, designação de quadriculas e sistema de anotação são arbitrários. No caso do Engenho do Meio, essas escolhas e preferências objetivam tornar a escavação mais eficiente e, mais importante, minimizar erros. Os pontos de referência (também chamados de *datum*, *subdatum*, *estação* etc.) empregados nas

---

<sup>4</sup> *Arqueologia Histórica no Engenho do Meio: Ensino, Pesquisa e Extensão Comunitária no Campus da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)* (portaria IPHAN, 61/2023)

escavações realizadas na década de 90 não puderam ser localizados, sendo necessário o estabelecimento de uma nova malha para controlar a espacialidade horizontal e vertical. Esse nível de controle, além de permitir o registro preciso das escavações ano após ano, serve para que as prospecções geofísicas, fotogrametria por VANT, topografia, bem como demais intervenções pudessem ser representadas em um único projeto de GIS, nesse caso empregando o programa QGIS.

No Engenho do Meio, o *datum* (estação, ou ponto de referência principal) e um *subdatum* foram estabelecidos antes de qualquer intervenção no sítio, inclusive antes da prospecção geofísica. Para assegurar a permanência desses pontos, ambos foram escavados a uma profundidade de aproximadamente 0,80 metros com cavador de poste, os buracos foram preenchidos com cimento e, finalmente, receberam uma haste de ferro (Figura 3). Os pontos representados pelas vigas de ferro foram colocados empregando o método Real-Time Kinematic (RTK) nas coordenadas Universal Time Mercator (UTM) cuja elevação foi determinada em 8,592 metros acima do nível do mar. Os pontos referidos foram colocados em 2018 e continuam no local, sendo outros pontos, temporários e (semi) permanentes, estabelecidos de acordo com a necessidade das escavações e georeferenciamento. Utilizamos uma estação total, Leica, TS02, para essas operações.

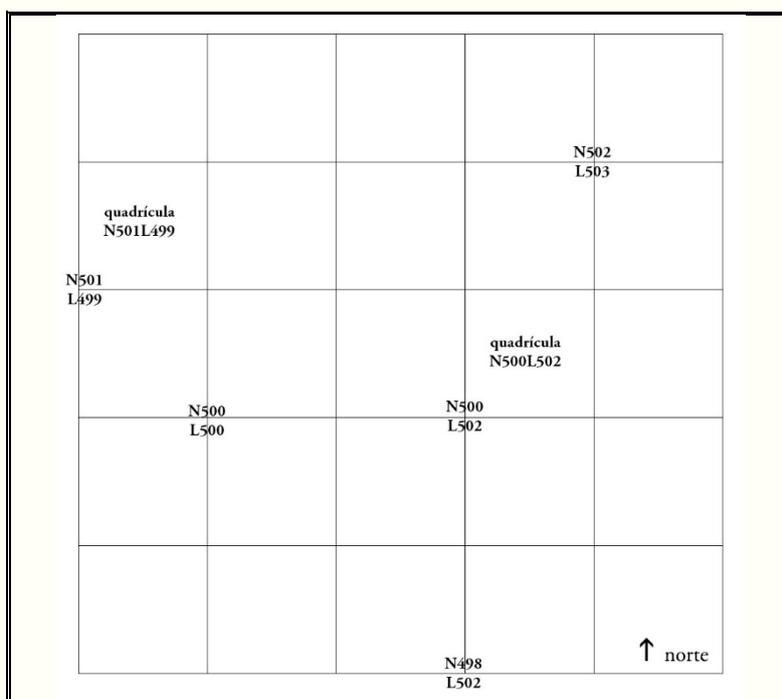


**Figura 3:** Datum do sítio arqueológico,  
Engenho do Meio (N500 L500)  
Fonte: Acervo Imagético, LARQH

Apesar da malha de escavação ter sido estabelecida em relação com o sistema UTM, as anotações de proveniências em campo são transformadas para um sistema, ou malha, específico ao sítio (uma malha ‘local’). Como o sistema UTM se baseia em um plano cartesiano, ao invés do *datum* usar as coordenadas UTM, que são sequências numéricas compridas, utilizamos uma notação

simplificada. Esta designação das coordenadas do *datum* objetiva sempre evitar valores ‘negativos’, ou seja, que todas as quadrículas e demais elementos do sítio sejam localizados no quadrante I num plano cartesiano, sendo x e y valores positivos.

No caso do *datum* do Engenho do Meio, o ponto no eixo ‘y’ foi designado N500 (norte, 500 metros) e o ponto do eixo ‘x’ L500 (leste, 500 metros) (Figura 3, acima). O movimento ao longo do eixo Norte aumenta (na direção norte) ou diminui (na direção sul) o valor norte. Da mesma forma, o movimento ao longo do eixo Leste aumenta (na direção leste) ou diminui (na direção oeste) o valor leste (Figura 4). Com todos os dados espaciais padronizados por esta malha, os registros podem ser colocados em uma planilha de Excel, na qual se aplica uma fórmula que converte a malha N/L para UTM.<sup>5</sup>



**Figura 4:** Modelo de uma malha indicando designação de pontos e quadrículas.

Além da utilização deste plano cartesiano para medir pontos topográficos, cotas e proveniência de materiais, esta malha serve também para designar cada unidade de escavação (quadrícula) com um

<sup>5</sup> Importante ressaltar que apenas estações estabelecidas inicialmente empregando métodos de alta precisão, como RTK, são viáveis para esses cálculos, pois GPS de navegação não é preciso o suficiente.

número exclusivo (Figura 4).<sup>6</sup> A designação da quadrícula, sendo sempre uma área de 1m<sup>2</sup>, necessita ser individual e única para não misturar ou confundir a proveniência de materiais arqueológicos e outros dados espaciais de campo. Seguindo a mesma lógica na designação do *datum* quanto ao desejo de evitar valores ‘negativos’, o ponto no sudoeste de cada quadrícula é usado para designá-la. Desta forma, artefatos, interfaces entre Unidades Estratigráficas e demais dados observados na quadrícula são medidos e registrados precisamente na malha do sítio. Como ilustra a figura 5, para determinar a proveniência exata do artefato evidenciado na quadrícula N527 L472, somam-se as medidas em centímetros da sua localização ao norte e a leste do ponto sudoeste.



**Figura 5:** Registro de um artefato *in situ* na quadrícula N527 L472.

Nota-se que a direção norte é à esquerda na imagem.

Fonte: Acervo Imagético do LARQH

Esse sistema numérico confere certa facilidade de trabalhar os dados espaciais em campo e com diversos programas no momento de análise, sendo o motivo principal de rejeitarmos a setorização

<sup>6</sup> ‘Unidade de Escavação’, ou ‘quadrícula’, é termo utilizado para designar a área mínima de escavação, sempre 1m<sup>2</sup>. Unidade estratigráfica (UE) é uma designação para identificar cortes, depósitos e estruturas que compõem a estratigrafia do sítio, também chamados de *contextos* (discutido mais adiante).

em malhas alfanuméricas, apesar dessa metodologia ter uma longa tradição na Arqueologia brasileira. Contudo, ressalta-se que a designação da malha, coordenadas, pontos de referência e assim por diante é totalmente arbitrária, não tendo um ou outro sistema mais correto que outro.

Com o avanço das tecnologias de informação, dados espaciais estão cada vez mais fáceis de serem processados, independente do sistema de coordenadas empregado. Entretanto, consideramos que o único requerimento universal de uma malha deverá ser a capacidade da sua reprodução e uso consistente para que o registro de escavações e dados arqueológicos tenham uniformidade no decorrer de anos de pesquisa no mesmo sítio. Embora um sistema possa ser modificado e adaptado para um novo, o trabalho pode ser homérico a depender de quantas temporadas de escavação foram realizadas, e da quantidade de artefatos e demais dados registrados nesse período.

### Geofísica

Escavações arqueológicas realizadas no Engenho no final do século passado, evidenciaram estruturas provavelmente relacionadas aos alicerces frontal (norte) e lateral esquerdo (leste) da casa grande (veja Figuras 1 e 2, acima). Como mencionado na seção anterior, a malha empregada à época se baseou em um ponto, ou estação, temporário, ou pelo menos um ponto que era para ser permanente, mas que foi perdido no decorrer do tempo. Sem acesso aos pontos de referência empregados naquele estudo, foi possível apenas uma aproximação da localização dessas estruturas escavadas (a área foi recoberta de sedimento e metralha das próprias escavações), criando um desafio para a escolha de onde iniciar as escavações pretendidas para a escola campo.

Era aparente que as escavações anteriores revelaram uma pequena porção do sítio investigado, restando amplas áreas referentes a cômodos interiores e toda a parte lateral oeste e sul da casa. Apesar da casa grande e seus arredores serem o foco das investigações, não queríamos ensinar métodos e técnicas de campo em contextos recentemente perturbados. Visando fomentar um ambiente pedagógico estimulante para os alunos e alunas, bem como obter dados arqueológicos diversos para subsidiar pesquisas de iniciação científica e monografias de conclusão, consideramos o uso de prospecção geofísica um passo fundamental.

Apesar de ter uma inserção ainda modesta na Arqueologia Histórica brasileira, os benefícios de prospecção geofísica, supondo a obtenção de resultados proveitosos, incluem o planejamento de políticas públicas em ambientes de requalificação urbana, a localização e preservação de vestígios

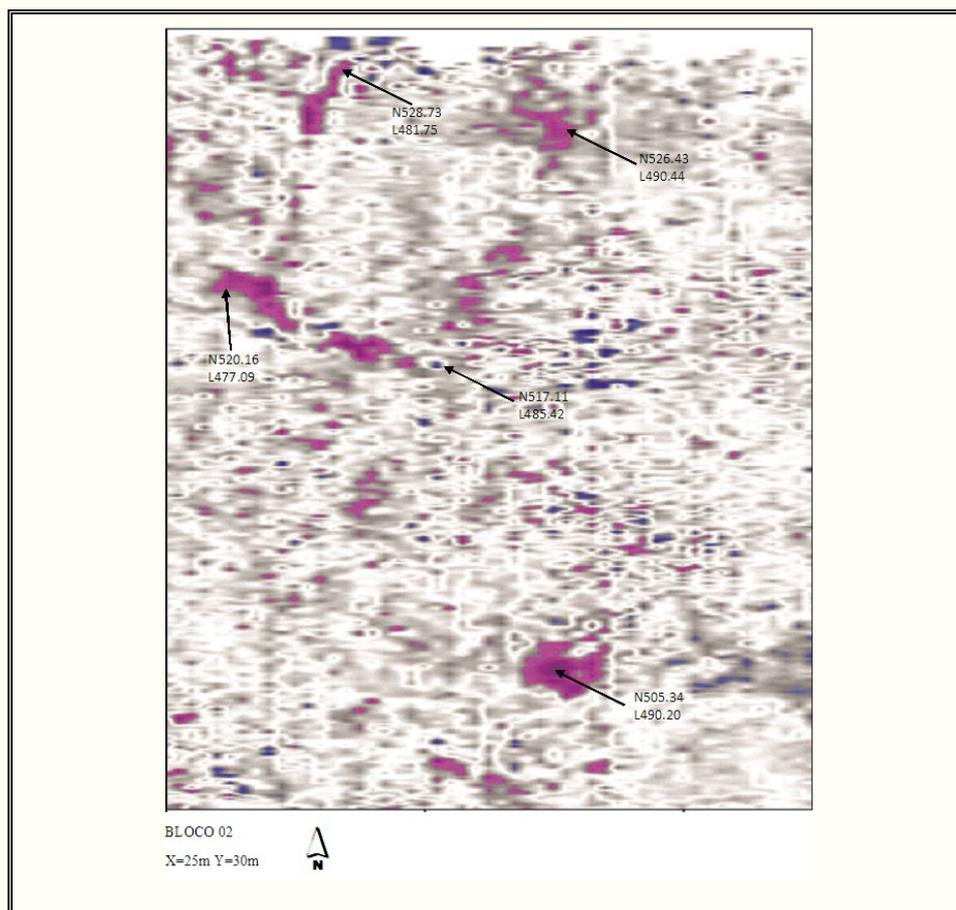
como estruturas, fossas e enterramentos soterrados, bem como o direcionamento de escavações para mais eficiência e custo-benefício nas pesquisas arqueológicas (ALLEN, et al., 2017).

A metodologia da prospecção geofísica no Engenho do Meio consistiu na delimitação de um ‘bloco’ no local de interesse (Setor A, a casa grande e arredores), na varredura e no processamento dos dados.<sup>7</sup> Como havia indícios prévios das dimensões parciais da casa grande, a área noroeste do Bloco 02 recebeu mais atenção, pois cobria a projeção da extensão hipotética das estruturas. Utilizou-se o equipamento GPR da marca GSSI, modelo SIR-3000, e antena com frequência central de 400Mhz, considerado apropriado para a localização de estruturas com a resolução desejada.<sup>8</sup> O espaçamento transversal entre perfis foi 25 cm e um traço (scan) medido a cada 2 cm ao longo dos perfis. O programa ReflexW foi usado para o processamento padrão dos dados, incluindo correção de tempo, diversas operações com filtros de ganho e remoção e limpeza de ruído. Os perfis (2D) foram interpolados para gerar uma imagem de ‘planta baixa’, ou *time slice* na linguagem geofísica, indicando nitidamente a localização de estruturas (Figura 6). O georreferenciamento da imagem permitiu a elaboração da estratégia de ação para as escavações, assim iniciando a escola campo logo em seguida.

---

<sup>7</sup> Enquanto o estudo geofísico no Engenho do Meio objetiva a comparação de dois métodos (ground penetrating radar e resistividade elétrica), dependemos nos resultados obtidos pelo georadar (GPR).

<sup>8</sup> Agradecemos ao GEQUA, Departamento de Geografia, UFPE pelo uso do equipamento, e especialmente as Dras. Joana D’arc Matias de Almeida e Ana Clara Magalhães de Barros pelo acompanhamento das prospecções.



**Figura 6:** Time Slice do BL02

Fonte: Acervo Imagético do Laboratório de Geofísica Arqueológica (GEAR)

## METODOLOGIA DE ESCAVAÇÃO

A escolha de métodos e técnicas para escavação é muito particular a cada pesquisador e leva em consideração a sua formação e experiência própria, as questões e problemas a serem abordados e as características individuais do sítio, principalmente os processos de formação e transformação. Certa flexibilidade na esfera metodológica e técnica é desejável para evitar a utilização indevida de práticas que não estejam em sincronia com os objetivos ou mesmo que possam ofuscar informações e dados que serão perdidos na escavação.

As técnicas de escavação são compreendidas, de forma geral, em horizontal e vertical mesmo que na prática, essas duas 'categorias' estejam intimamente relacionadas. O aspecto horizontal objetiva a exposição de áreas para revelar relações espaciais frequentemente representadas em croquis e ilustrações de planta baixa. A escavação do componente vertical se trata da retirada controlada de pacotes sedimentares ('camadas' ou 'estratos'), revelando informações sequenciais, normalmente

entendidas como cronológicas, seja um período curto, na ordem de semanas, ou longo, como o passar de décadas.

O registro de escavação no Engenho do Meio é realizado por *contextos únicos* (unidade estratigráfica – UE), método explicitado inicialmente em Harris (1991) e modificado e adaptado por arqueólogos que vêm trabalhando principalmente em áreas urbanizadas ou semi-urbanizadas (ROSKAMS, 2001; BICHO 2006), particularmente em países da Europa ocidental. A UE é uma designação para identificar cortes, depósitos e estruturas que compõem a estratigrafia do sítio. É importante salientar que aqui empregamos o método para o registro estratigráfico (CROIX et al., 2019), sendo o conceito da Matriz de Harris pertinente, mas que não será detalhado aqui.

A escavação se procede por decapagens das UEs, sem a escavação concomitante de outras UEs na mesma quadrícula. Para cada unidade estratigráfica é preenchido um formulário (protocolos, fichas) chamado *Descrição de Unidade Estratigráfica*, que reúne informações pertinentes para posterior análise e interpretação, tais como a associação entre UEs, sedimentos, materiais arqueológicos recolhidos, técnicas e detalhes do peneiramento entre outras.

No decorrer da escavação das quadrículas, outros formulários são empregados para assegurar o registro de todos os dados e observações de quem escavou, às vezes de forma redundante com o intuito de reduzir o acúmulo de erros, particularmente na fase de análise em laboratório (Tabela 1). Os principais formulários são: *Registro e Descrição de UE (Unidade Estratigráfica)*, *Controle de Escavação de Quadrícula*; *Controle de Decapagens por UE*; *Planta Baixa*; *Perfil*; e *Blocos de Materiais* para o controle de materiais arqueológicos, principalmente artefatos e amostras para análises arqueométricas.

**Tabela 1**  
Formulários empregados nas escavações

<b>Formulário</b>	<b>Objetivo</b>
Registro e Descrição de Unidade Estratigráfica	Um dos principais formulários das escavações que reúne todas as informações sobre cada Unidade Estratigráfica: tipo e descrição do contexto (depósito, estrutura, corte), relações estratigráficas com UEs associadas, materiais arqueológicos, técnicas de peneiramento, interpretação da UE (por exemplo, depósito antrópico ou natural, bioturbação, alicerce) etc.
Escavação de Quadrícula	Formulário para cada quadrícula (sempre 1 x 1 metro) escavada, trazendo informações sobre as Unidades Estratigráficas presentes, elevações de início e fim de cada UE bem como descrições do sedimento e materiais arqueológicos presentes (recolhidos ou não). <sup>9</sup>
Controle de Decapagens por Unidade Estratigráfica	Utilizado para anotar as informações observadas na escavação de cada decapagem dentro da UE, incluindo espessura de cada decapagem realizada (não se confunde com ‘níveis artificiais’, técnica não empregada neste projeto) e materiais arqueológicos observados/recolhidos.
Croquis (planta baixa e perfil)	Formulários modelo de plantas baixa e perfis para o desenho de elementos presentes nas quadrículas. Usado para posterior vetorização de contextos considerados importantes.
Bloco de Artefatos (‘etiqueta’)	Registro inicial de um grupo de material oriundo da escavação de uma decapagem dentro de um contexto (UE). Traz informações de proveniência, composição e identificação preliminar. Após triagem inicial, um número único de ‘lote’ será atribuído.
Controle de Lotes <sup>10</sup>	Organização dos lotes ainda em campo para transporte ao laboratório. Traz todas as informações das etiquetas sendo uma etapa redundante que permite avaliar preenchimento correto e tirar dúvidas ainda em campo. O formulário já está no formato para digitação em Excel.

O registro visual é realizado através de desenhos (croquis) elaborados à mão e fotografias digitais. As fotografias são realizadas, *minimamente*, ao iniciar e terminar cada Unidade Estratigráfica, no fim da escavação de uma quadrícula e dos perfis. Além disso, se gera um acervo imagético amplo de atividades como topografia e educação patrimonial, de materiais e estruturas de interesse e assim por diante (Figura 7).

<sup>9</sup> A descrição básica de sedimentos em campo segue orientações encontradas em Roskams (2001) e emprega o Código Munsell e um fluxograma (ibid., p. 179).

<sup>10</sup> O termo ‘lote’ se refere ao conjunto de materiais coletados em uma só sacola ou outro recipiente. Consulte a seção sobre materiais arqueológicos para a metodologia de anotação.

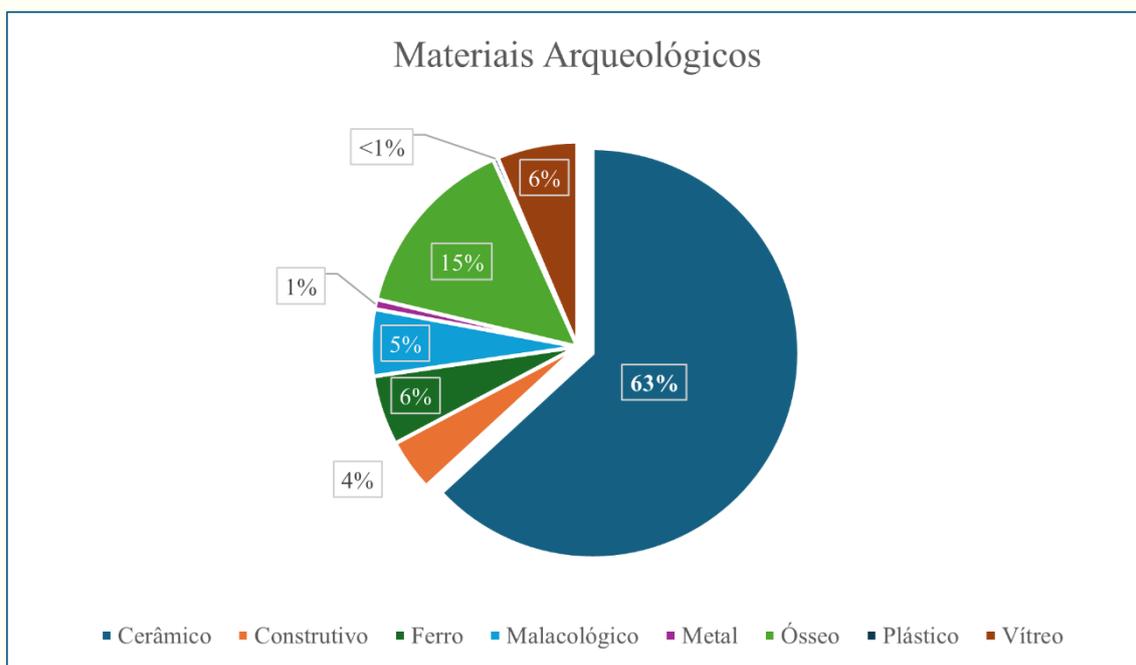


**Figura 7:** Atividades gerais realizadas na escola campo. a) topografia b) escavação e anotações c) medições para a elaboração de croqui, d) triagem, catalogação e processamento inicial de materiais em campo, e) escavação para averiguar anomalia geofísica, f) aula sobre a retirada de amostras sedimentares para análise.

Fonte: Acervo Imagético do LARQH

## ANÁLISE DESCRITIVA DE MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

Como esperado para um sítio arqueológico ocupado do final do século 16 até a primeira metade do século 20, há uma diversidade considerável de artefatos, particularmente no que se refere ao material de confecção, que varia do barro ao plástico. Até a última temporada, foram coletados 8.524 artefatos, em sua maioria fragmentos de cerâmica (Figura 8). Os artefatos são processados e estudados pelos integrantes do Departamento de Arqueologia, especificamente na obtenção de experiência em práticas laboratoriais e análise para a elaboração de monografias de graduação e pós-graduação.<sup>11</sup> A depender do material de confecção e seu estado de conservação, cada objeto recebe um número único conforme o seguinte padrão: EDM-(setor)-(lote).(peça individual), por exemplo, EDM-A-27.3. A seção a seguir se limita à descrição dos artefatos, sendo as análises e interpretações desses dados temas de outras produções como pesquisas de iniciação científica, monografias e artigos.



**Figura 8:** Proporção de materiais arqueológicos do Engenho do Meio (total 8.524)

<sup>11</sup> Agradecemos aos professores de Laboratório I, Viviane Maria Cavalcanti de Castro e Luiz Carlos Medeiros da Rocha, que ministraram essa disciplina no período.

Os artefatos são classificados, geralmente, de acordo com a matéria-prima em primeiro lugar, por exemplo, cerâmico, construtivo, metálico, ósseo, vítreo, orgânico e plástico. A partir desses grupos amplos são identificados os objetos de forma mais refinada (faiança no grupo cerâmico, prego no grupo ferroso, couro no grupo orgânico etc.). Para alguns artefatos, necessita-se caracterizar melhor o objeto, o que se faz nos espaços de ‘identificação’ e ‘observações’ das etiquetas. Essa metodologia classificatória inicial dos materiais arqueológicos não é estática, sendo os ‘grupos’ sempre avaliados particularmente quando recolhido algum artefato não muito comum. Por exemplo: chumbo, ferro e alumínio são relativamente fáceis de identificar ainda em campo, sendo necessário apenas acrescentar a identificação (projétil, dobradiça, lata etc.). Mesmo assim, se fez necessária a criação de um grupo denominado ‘metal’, pois um item confeccionado em bronze, latão ou cobre, não é facilmente identificado a olho nu. Assim, é comum uma descrição preliminar ser Material: Metálico; Identificação: bronze(?), fivela. Esses pormenores descritivos são resolvidos em laboratório no momento de processamento e análise.

A cerâmica histórica do engenho merece destaque, pois é frequentemente o marcador mais importante quanto ao estabelecimento de cronologias para pacotes sedimentares e a determinação de redes de comércio e práticas alimentares. Além do mais, interpretações desses materiais abordam diversos temas tais como gênero, classe, etnia, poder, capitalismo, ideologia entre muitas outras abordagens. Acredita-se que o estudo de cerâmica nessa pesquisa terá capacidade de versar sobre momentos e formas de ocupação e transformações no tecido sociocultural e econômico do Engenho do Meio, especificamente, e dos engenhos da região Várzea do Capibaribe em geral.

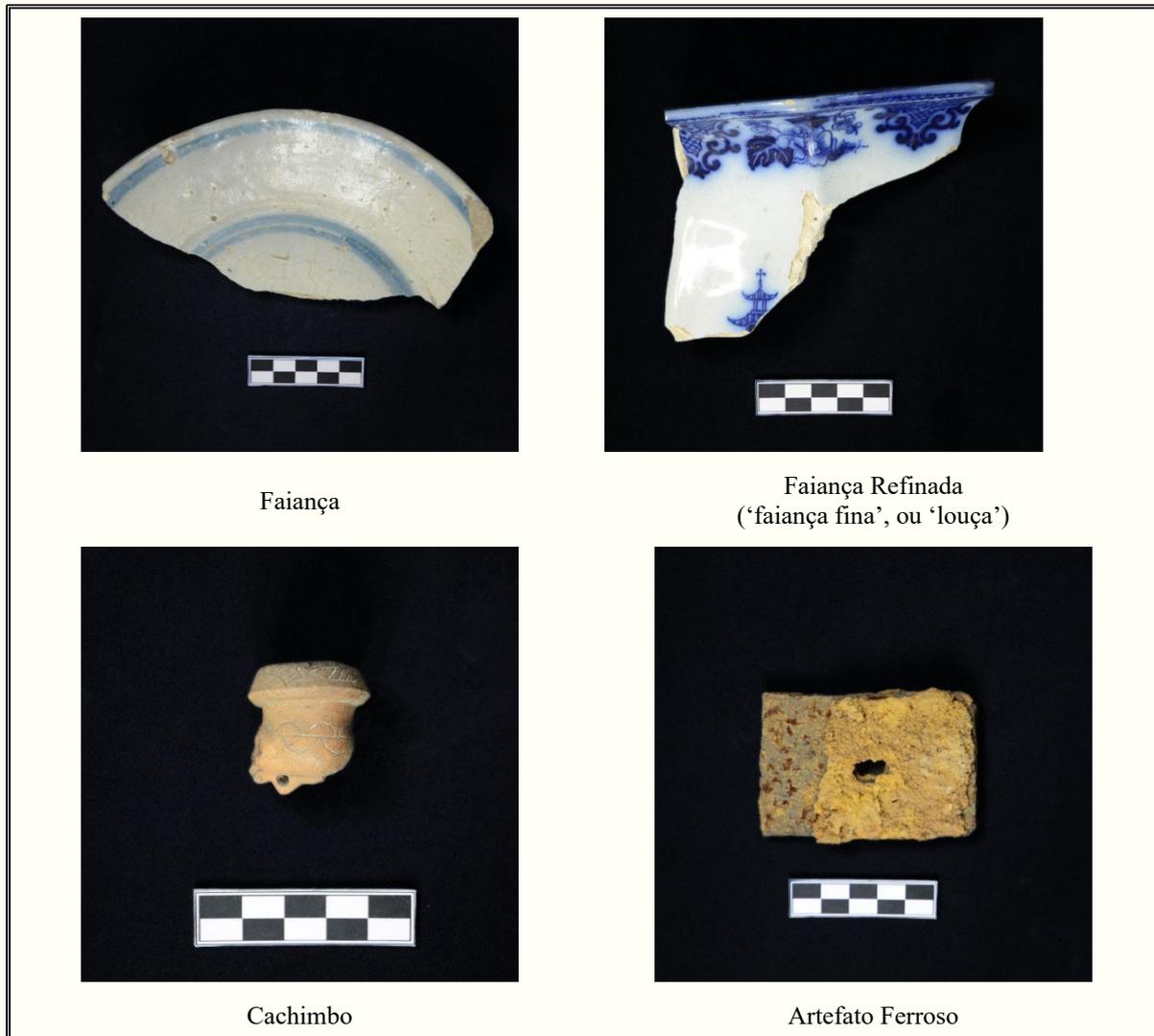
As *faianças*, cerâmicas com esmalte estanífero, se configuram como uma categoria ampla, englobando, dependendo dos critérios empregados para descrição, as confecções dos Mouros até os dias atuais. A categoria *faiança refinada* (também ‘faiança fina’, ‘louça’) se refere, nesta pesquisa, às confecções, particularmente inglesas, de uma diversidade de itens à base de pastas que, no final do século 18, continham minerais como feldspato e argilas brancas, queimadas em temperatura mais elevada que a faiança, assim fornecendo um corpo mais duro e menos poroso. Cerâmicas *grés* fornecem cronologias e informações sobre redes de comércio, pois há formas e motivos decorativos que marcam determinadas épocas, por exemplo, os *bartsmannkrug*<sup>12</sup> (*bartmannkrug*, no singular) dos séculos XVI e XVII, grés do Vale do Reno do século XVII e XVIII e diversas garrafas de gin e cerveja

---

<sup>12</sup> Popularmente conhecido como ‘Belarmino’, termo que se deriva de uma curiosidade histórica sobre o Cardinal Bellarmino, figura que, no contexto das discussões religiosas à época, não era muito acolhido pelos habitantes dos países que mais produziam ou importavam os vasilhames. Os estilos dos *bartsmannkrug* variavam bastante.

a partir do século XIX. Cerâmicas confeccionadas regionalmente na época colonial, porém sem fornecimento aparente de informações diagnósticas quanto a sua inserção socioeconômica e cronológica, passam por uma análise visual e microscópica.

Não é de surpreender que é o grupo de materiais, ‘Cerâmico’, seja o que chama mais atenção na escavação da casa grande no Engenho do Meio, pois proporciona dados fundamentais para uma plethora de questões, desde técnicas de fabricação e rotas de comércio até valores simbólicos e sociais dos seus usuários. Por exemplo, Domingues (2024), realizou estudo de iniciação científica na tentativa de discernir diferenças técnicas na confecção de majólica e faiança a partir da identificação de marcas na superfície de pratos, o que teria implicações tanto pela cronologia de pacotes sedimentares, quanto por rotas de comércio. Por sua vez, Paraíso (2024) se baseou nas faianças refinadas para iniciar a compilação de uma coleção de referência para facilitar a identificação de tecnologias, tipos e motivos decorativos deste grupo de artefatos.

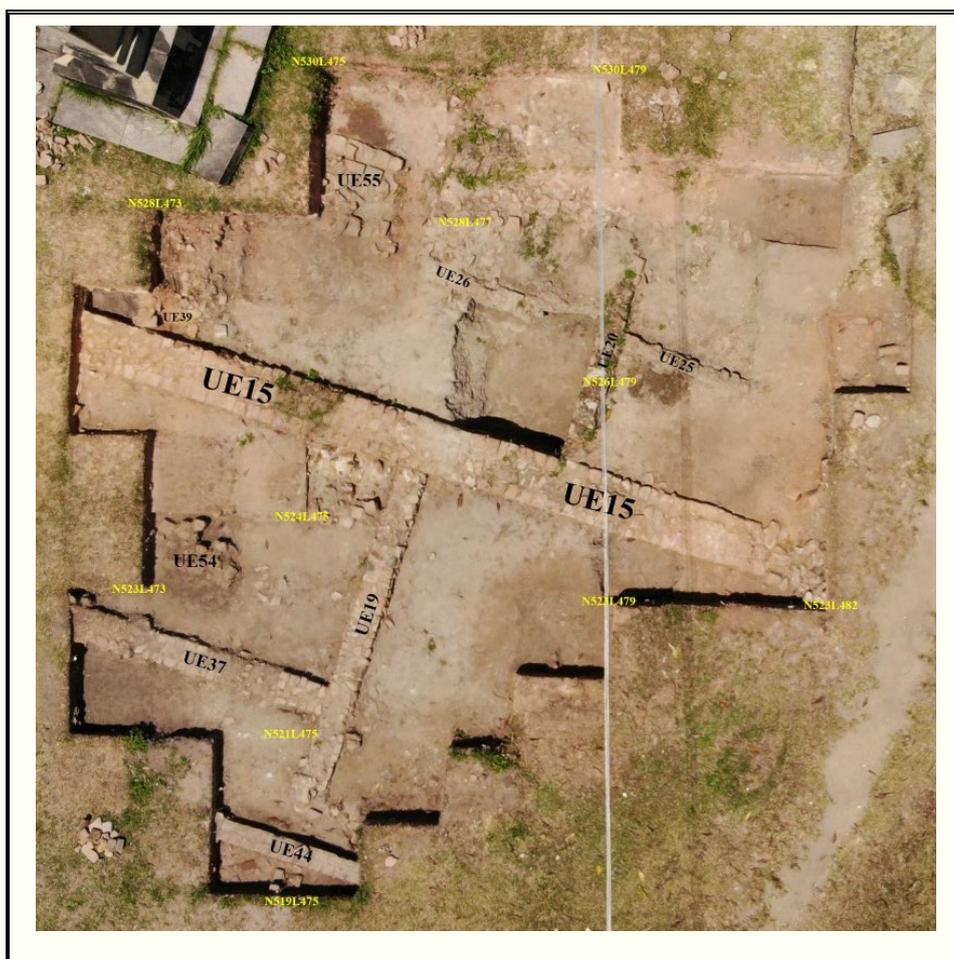


**Figura 9:** Seleção de artefatos recolhidos nas escavações.  
Fonte: Acervo Imagético do LARQH

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A prospecção geofísica do Bloco 02 (BL-02) forneceu informações indicativas quanto a determinação de onde iniciar as escavações da escola campo (Figura 6, acima). Os alvos formavam linhas que sugeriam ser vestígios de elementos arquitetônicos associados à casa grande, porém cuja extensão, ou proporção, era obviamente muito menor que a casa inteira. Assim, consideramos a possibilidade de que os alvos a leste fossem as fundações escavadas em 1997, sendo a área ao oeste/noroeste um contexto ‘dentro’ da casa grande. Escavações subsequentes confirmaram, em parte, essas interpretações prévias, e a ampliação da área será o foco das investigações e escolas campo futuras. Mesmo assim, as escavações revelaram mais estruturas que o esperado ao analisar apenas o

radargrama do Bloco 02. A figura 10 contextualiza as principais Unidades Estratigráficas estruturais para melhor compreensão da espacialidade do sítio até o momento conhecido. A maioria dessas UEs, que inclui a UE15 (alicerce) e prováveis fiadas ou baldrames, se conjugam para formar a denominada, ‘Estrutura 1’, sendo essa a denominação da Casa Grande.



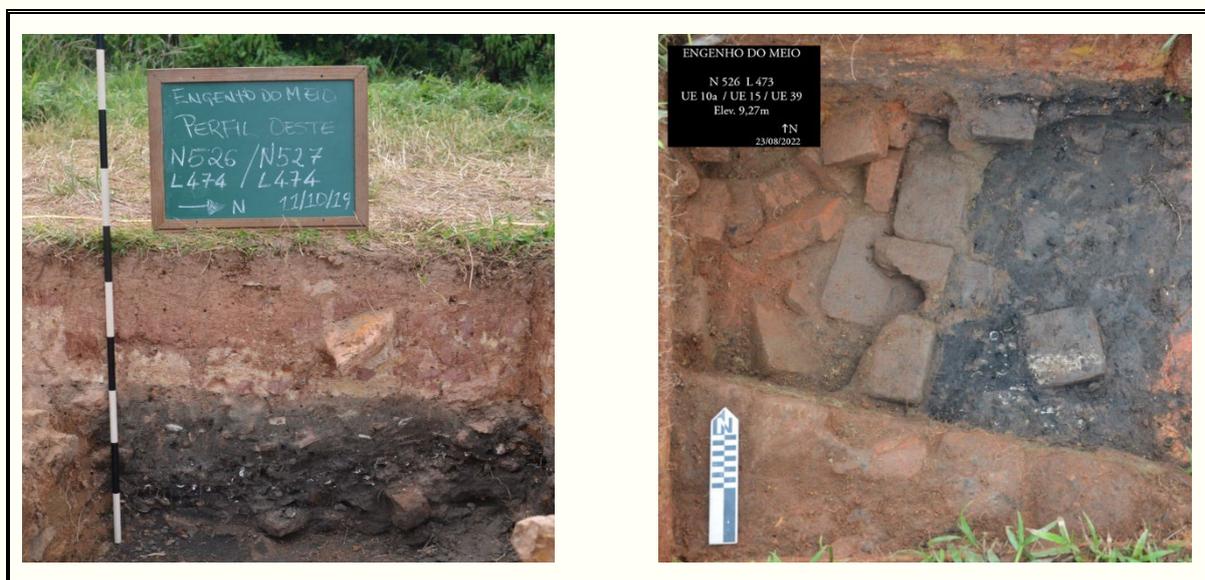
**Figura 10:** Foto georreferenciado das escavações, indicando pontos na malha (amarelo) e Unidades Estratigráficas de estruturas (preto).

Fonte: Arquivo Imagético do LARQH

As Unidades Estratigráficas de contextos identificados como depósitos não foram representadas em planta baixa neste texto, pois esses são normalmente escavados. O registro de campo reúne centenas de croquis que documentam esses contextos no decorrer da sua escavação. Incluem-se bioturbações nessa categoria de UE. No total, foram registradas 41 UEs do tipo depósito, sendo a maioria pacotes sedimentares antrópicos interpretados como ‘aterros’ formados ao longo do tempo, documentando as possíveis renovações da casa grande desde a sua fundação no século 16, o uso das

ruínas como lixão em diferentes períodos e a preparação da área na época da implantação do memorial ao João Fernandes Vieira.

O contexto mais intrigante até o momento é a UE10 (UE10a, 10b, 10c), depósito de sedimento rico em material arqueológico, localizado no lado norte do alicerce de fundação da casa grande (UE15)(Figura 11). Enquanto os estratos sedimentares superiores e intrusivos a esse pacote contêm material misturado quanto a sua cronologia, as UE10a e UE10c contêm artefatos típicos comercializados no século XVII e nenhum outro material datável posterior a esse período.



**Figura 11:** Esquerda: Perfil oeste na linha L474 entre os pontos N526 e N527, mostrando a espessura da UE10a. Direita: Escavação da quadrícula N526 L473 mostrando a continuação da UE 10a, que se destaca da UE 15 (estrutura, sul) e UE 39 (material construtivo e possível fiada, noroeste). Observa-se que a quadrícula escavada (dir.) é aquela onde está assentada o quadro no perfil (esq.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do projeto, aproximadamente 150 discentes obtiveram experiência na escola campo e bolsistas de iniciação científica, estagiárias e estagiários continuam a trabalhar com problemas e questões pertinentes que surgem a cada temporada. Recentemente, iniciamos um estudo para avaliar a possibilidade técnica e institucional de musealizar as ruínas, porém ainda mantendo o local como sítio escola ao invés de criar um bem patrimonial estático. A existência de um sítio arqueológico no campus da UFPE, aliado à importância histórica do Engenho do Meio conferida principalmente por seu ocupante mais ilustre para a história pernambucana, merece um investimento institucional

contínuo. Essa valorização do sítio arqueológico criará um espaço educativo tanto para a comunidade acadêmica, quanto para moradores da Várzea e arredores.

## Agradecimentos

Agradecemos os e as integrantes do Laboratório de Arqueologia Histórica (LARQH) e os e as discentes, monitores e monitoras das disciplinas, bolsistas, estagiários e estagiárias, voluntários e voluntárias pela dedicação à pesquisa. Reconhecemos o apoio do Grupo de Estudos do Quaternário do Nordeste Brasileiro (GEQUA/UFPE) e do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológico (NEPA/MHN/UFAL) em diversos momentos da pesquisa, particularmente nas prospecções geofísicas. A pesquisa é apoiada pelo Departamento de Arqueologia da UFPE e se integra às atividades do projeto de produtividade em pesquisa, “Geofísica Arqueológica no Estudo e Preservação de Sítios Arqueológicos no Nordeste” (CNPQ, proc. 405212/2023-2).

## REFERÊNCIAS CITADAS

- ALLEN, Scott J., PORSANI, Jorge Luís, POLUHA, Bruno. 2017 Geofísica arqueológica no ambiente da Arqueologia Urbana: proposta metodológica para projetos públicos. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 235–254, 2017
- BICHO, Nuno. 2006 *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70
- CONYERS, Lawrence B. 2013 *Ground-Penetrating Radar for Archaeology*. 3rd edition. Lanham, Maryland: Altamira Press
- CROIX, S., P. DECKERS, C. FEVEILE, M. KNUDSEN, S. QVISTGAARD, S. SINDBÆK & B. Wouters. 2019 “Single Context, Metacontext, and High Definition Archaeology: Integrating New Standards of Stratigraphic Excavation and Recording.” *Journal of Archaeological Method and Theory*, , V26, N4, p.1591-1631
- DOMINGUES, Samuel. 2024 Análise de tecnologia de fabricação e motivos decorativos de faiança do sítio Engenho do Meio. Relatório Final – PIBIC, UFPE
- FERREIRA SOBRINHO, M. S. 2012 *Várzea: Lembranças de um tempo que se foi*. Recife: Ed. do Autor
- HARRIS, Edward C. 1991 *Principios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica
- PARAÍSO, Amanda. 2024 Criação de uma coleção de referência de cerâmica histórica inglesa no Laboratório de Arqueologia Histórica (LARQH), Relatório Final – PIBIC, UFPE
- ROSKAMS, Steve 2001 *Excavation*. Cambridge Manuals in Archaeology Cambridge: Cambridge University Press